

ALAIN FONTAN \*

Durante suas viagens ao exterior, Fernando Henrique Cardoso participa de inúmeros debates (ou conversas reservadas) com os grandes deste mundo. Sua vasta cultura ajuda-o nessas tarefas diplomáticas, mas, no final, o presidente nunca perde a oportunidade de lembrar aos chefes de governo dos países industrializados e investidores privados as oportunidades oferecidas pelo Brasil. Seus interlocutores o escutam sempre com interesse, mas estas informações contradizem às vezes algumas outras recebidas pelas chancelarias ou a mídia. Afinal, qual dos dois Brasis é o verdadeiro?

Sendo a história um filme já visto, a dúvida lá fora é similar àquela que "fundia a cuca" de Henrique II, no século 16. Naquela época, um vento de loucura soprava sobre a Europa. Todo mundo desafiava todo mundo. A divulgação (em 1517) das novas teses reformadoras de Lutero continuavam incendiando um continente já ensanguentado. Barões, negociantes sem escrúpulos, príncipes,

bispos, fanáticos, caçadores de lobos, desertores e bandoleiros formavam quadrilhas e bandos armados destinados a saquear as províncias. Até os papas mandavam fundir os sinos das igrejas italianas para forjar canhões.

Parecendo impossível no caótico Velho Mundo trocar calmamente idéias, o almirante Villaignon, amigo de Calvino, convenceu o rei a armar dois navios, em 1555. Navegar é preciso. Velejar muito longe para discutir com os católicos o futuro das religiões, também. Na França, Henrique II continuava a política de seu pai, François I, inimigo jurado de Carlos I da Espanha. Na verdade, François I sempre se rebelou contra a decisão do papa, após a divisão das Américas, no Norte entre a Inglaterra (EUA) e a França (Canadá), rachando o sul entre os conquistadores espanhóis (no Oeste) e os patrícios de Cabral no Leste (Brasil), assim de evitar mais conflitos. Gostaria de saber onde o papa encontrou o testamento de Adão, o único homem — já que era o primeiro — com poder para distribuir a terra a

seus herdeiros?", resmungou com certo humor o velho François.

Almirante habilidoso na hora de enfrentar a tempestade, Villaignon revelou-se péssimo administrador ancorado no meio da Baía de Guanabara. Rapidamente deprimido pelo isolamento e as discussões estéreis, o chefe da expedição filosófico-religiosa, acabou... convertendo-se ao catolicismo, antes de perseguir seus antigos correligionários. No grupo *dos franceses*, dois homens completamente diferentes se destacaram: Jean de Lery, discreto, estudioso formado na Universidade de Genebra e que publicou depois o delicioso livro *Viagem à terra do Brasil*. Anotou com rigor detalhes novos e interessantes. Por outro lado, Thevet, monge *cordelier* metido a geógrafo, falava alto e não admitia contradição. O importante para este religioso estranho, cínico e truculento, era agradar a Henrique II. Recriou, à intenção do rei, um mundo fantasmagórico nos seus mapas de sonho: cataratas, serras, madeiras e pedras preciosas, ouro, rios, araras e frutas

exóticas, novos eldorados com belas índias nuas e bichos nunca vistos, e até uma cidade com o nome do rei. Tudo acendia sua imaginação fertilíssima. Criou a Disney World quatro séculos antes de... Walt Disney. Jean de Lery suspirou: "Trata-se de pintura, somente de pintura."

Dois opositos no mesmo barco!

Hoje em dia, todas as multinacionais do mundo sabem que o Brasil continua sendo bom investimento a longo prazo. Mas até o ano 2.000? E qual Brasil Fernando Henrique está pintando para os investidores potenciais? Aquele da vitória sobre a inflação, das reservas internacionais de US\$ 47 bilhões, da modernização, das privatizações e das reformas administrativas, fiscais e constitucionais agradando o FMI, ou o outro, dos impostos em cascata, da insegurança, da fratura social, da lentidão das reformas, da crise financeira dos estados e municípios, dos rombos da previdência, dos juros altos e do problema dos sem-terra?